

LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 523p.

Lilith, Golem e outros seres imaginários

Luciara Lourdes Silva de Assis*

71 contos de Primo Levi reúne, em mais de 500 páginas, *Histórias naturais*, *Vício de forma* e *Lilith*, publicadas na Itália em 1966, 1971 e 1981, respectivamente. Traduzida e prefaciada por Maurício Santana Dias, a edição brasileira foi preparada a partir da edição italiana *I racconti: Storie naturali, Vizio di forma e Lilith*, organizada por Ernesto Ferrero e publicada pela Einaudi em 1996. Com a publicação de *71 contos*, os leitores brasileiros, acostumados a lerem Levi a partir de suas memórias sobre a Shoah, poderão apreciar uma face pouco conhecida do escritor italiano: a de ficcionista. Considerado a principal referência na literatura de testemunho, Levi notabilizou-se por narrativas que tematizam sua experiência como sobrevivente de Auschwitz. Mas a significativa produção ficcional de Levi é, de igual modo, singular e brilhante.

Na época em que as *Histórias naturais* vieram a público, leitores e críticos mostraram-se, no mínimo, surpresos com o fato de que o sério escritor, testemunha e narrador das atrocidades perpetradas pelos nazistas, pudesse escrever “contos-entretenimentos”. Entretanto, o autor de *É isto um homem?* permitiu-se entrar no universo da invenção e da fantasia, reivindicando “para si o direito que todo escritor tem de criar o que bem quiser”. Para Levi, também os contos mantinham estreita relação com a temática das obras de testemunho: “eu não as publicaria [as “histórias naturais”] se não estivesse convencido (não imediatamente, para ser sincero) de que entre o *Lager* e essas invenções existe uma ponte, uma continuidade”.

Nos dois primeiros livros, talvez esse elo pareça bem menos evidente que em *Lilith*, no qual os contos trazem um narrador em primeira pessoa, cuja voz ecoa de dentro de um campo de concentração. Mas *Histórias naturais* e *Vício de forma* também encerram a grande preocupação de Levi pelos destinos da humanidade em face do que ele próprio vivera e experienciara.

Por via da criação literária, em que incorrem o insólito e o estranho, beirando o absurdo, Primo Levi reconstrói mundos imaginários, que são produto do crescente e inevitável desenvolvimento tecnológico, confrontando-se com a vida que procura resistir em suas variadas formas. Nesse processo de escritura, a referência à Bíblia e às narrativas da tradição judaica atua como signo operador e produtor de símbolos e significados.

De *Histórias naturais*, selencionou-se, para estar nessa antologia, o conto “O sexto dia”, concebido em forma de peça teatral. Os personagens são um grupo de sábios, cientistas e técnicos, reunidos para a elaboração do projeto do modelo Homem. Estão presentes o conselheiro anatomista, o administrador, o Ministro das Águas, o conselheiro termodinâmico, o conselheiro químico e o conselheiro mecânico, além do secretário e de dois personagens nomeados – Ariman e Ormuz – que coordenam e mediam a acalorada discussão. Os especialistas de cada área, naquilo que lhes compete, expõem sua opinião a respeito da constituição e da viabilidade do homem, avaliando se este deve ser artrópode, réptil, pássaro... Até que o mensageiro entra na sala e chama Ariman à parte para fazer-lhe um comunicado que viera de seus superiores. Ariman retorna ao grupo e diz que não seria mais necessário continuar a reunião, pois alguém já resolvera a questão. E explica, sem esconder a indignação: “Sei que tomaram sete medidas de argila e a empastaram com água de rio e de mar; sei que modelaram o barro na forma que lhes pareceu melhor. Parece que se trata de um bicho vertical, quase sem pêlo, indefeso, que ao mensageiro aqui presente pareceu um macaco ou um urso: um bicho sem asas e sem penas, e portanto provavelmente um mamífero. Parece também que a fêmea do homem foi criada a partir de uma de

suas costelas [...]. Nessa criatura insuflaram não sei que sopro, e ela se moveu. Assim nasceu o Homem, senhores, alheio ao nosso consenso: simples, não é mesmo?"

Nesse conto, confluem o discurso científico, racional, e a narrativa mítica da criação, que já se anunciara desde o título. O conhecimento técnico e especializado, pretensamente superior e auto-suficiente, mostra-se falível e incapaz de solucionar problemas, e acaba sendo suplantado pelo mito. À primeira vista, parece estranho pensar que Primo Levi, um químico, reconhecido defensor da racionalidade e da clareza, possa acreditar na precariedade das ciências humanas. A estranheza inicial, no entanto, é diminuída se se considera que tal crítica somente poderia partir de alguém que conhece bem aquilo de que fala e de quem pôde ver de perto a aplicação dos conhecimentos científicos à máquina da morte criada pelos nazistas.

Já de *Vício de forma*, recortou-se um conto que recria a lenda judaica do Golem. Trata-se de "O servo", que se baseou na versão de Praga do mito. No gueto de Praga, o rabino Arié decide construir um Golem. Não pretendia fazer um ídolo como os dos gentios, tampouco criar um homem; queria apenas um trabalhador fiel e forte, que ajudasse a defender o povo de Israel. Depois de tomar argila, modelar o boneco e cozinhá-lo no fogo, inseriu-lhe entre os dentes um estojo de prata contendo um pergaminho com o Nome inefável de Deus. O Golem adquiriu vida, e, a partir de então, o rabino retirava-lhe o estojo todas as noites de sexta-feira, para cumprir o descanso do sábado. Assim, o Golem o serviu durante muitos anos até que, um dia, Arié o mandou cortar algumas toras de lenha na véspera do sábado. O Golem, então, recusou o machado e começou a fazer o que lhe fora pedido usando as mãos. Empregou tal violência que começou a destruir a casa do rabino. Só então Arié percebeu o que fizera e tentou arrancar o Nome da boca do gigante, em vão. Somente quando o dia já amanhecia, o Golem se deteve em sua fúria, e o rabino pôde privá-lo da vida, dessa vez para sempre.

Em meio a tantos contos voltados para o presente e o futuro, a história de "O servo" ocorre no ano 1579 da Era Vulgar e no 5339 da Criação, um número cabalístico. O mito do Golem, que já foi recontado inúmeras vezes e faz parte da tradição mística judaica, remete-nos ao episódio bíblico da criação e, contemporaneamente, à reflexão sobre a criação da arte, da literatura, da ficção. Em Primo Levi, a evocação dessa criatura parece assumir o tom de reflexão metalingüística em torno do estatuto literatura e de seu papel. Essa proposição parece ser confirmada pelo título da obra e pelos contos cujos protagonistas são um escritor e o personagem de suas novelas que sai, de repente, da ficção e se apresenta diante dele em carne e osso.

Por fim, de *Lilith*, aparece um conto homônimo, cujo cenário é um dia chuvoso em um campo de concentração. Autorizados pelo Kapo, os prisioneiros procuram um lugar em que se abrigar e, coincidentemente, o narrador esconde-se em um tubo onde encontra um conhecido. Enquanto conversavam, avistam uma mulher em outro tubo que lhes sorri e começa a pentear os cabelos. O amigo do narrador diz que aquela era Lilith e, como este não conhecia a história, passa a lhe contar o que sabia. Diz que Lilith fora criada por Deus da mesma argila que Adão, constituindo com ele uma só forma, um Golem. Depois de separados, desejaram se unir, e Adão quis que Lilith ficasse por baixo. Ela não aceitou e, como o Criador desse razão para o homem, Lilith blasfemou o nome do Senhor e se transformou numa diaba, pronta para fazer o mal e sedenta de sêmen humano. Aproveitava-se de todo o sêmen derramado indevidamente e, assim, gerava filhos o tempo todo, que também eram diabos. Ao final do conto, o narrador, que se diz um judeu incrédulo e epicurista – ao contrário do amigo –, conclui: "é inexplicável que o destino tenha escolhido um epicurista para repetir essa fábula pia e ímpia".

Lilith tem um caráter bastante diferenciado em relação às duas anteriores. Nele, a ligação com a realidade se projeta com maior força, ao contrário do que se observa em *Histórias naturais* e *Vício de forma*, nos quais os contos parecem situar-se mais claramente no terreno do fictício, do imaginado e do inventado. O narrador de primeira pessoa, presente em todos os contos, cita nomes, datas e fatos; além

disso, é um judeu italiano que está confinado no Lager – fato que nos remete logo a Primo Levi. No entanto, como pode ser visto no conto “Lilith” o elemento mágico, maravilhoso ou fantástico também é configurado no espaço-tempo das narrativas. Nesse caso, ele atua como uma espécie de prisma, através do qual é possível enxergar e interpretar o mundo e o homem, constatação que pode ser feita a partir das palavras finais do narrador de Lilith. Segundo ele, essa “fábula pia e ímpia” é “feita de poesia, ignorância, engenho temerário e da tristeza irremediável que cresce sobre as ruínas das civilizações perdidas.”

* **Luciara Lourdes Silva de Assis** é Graduada em Letras pela UFMG e Pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.